



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE SAÚDE, PROMOÇÃO SOCIAL, TRABALHO E MULHER

PRESIDENTE: CALVO

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 16 de novembro de 2016

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Transcrição *ipsis verbis*
- Lista de participantes não fornecida
- Grafia(s) não confirmada(s)
- Orador não identificado
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Na qualidade de Presidente da Comissão de Educação, Cultura e Esportes declaro abertos os trabalhos da 2ª audiência pública conjunta, que se realiza hoje, 16 de novembro de 2016, que tem como pauta discutir a elaboração de metas e diretrizes que apontem para a proposição de uma política municipal de interface à arte, saúde e cultura.

Informo que esta audiência está sendo transmitida pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.camara.sp.gov.br, link Auditórios On-Line.

Convido para compor a Mesa os Srs.: Sérgio Mamberti, ator, diretor, produtor cultural e também, por 12 anos, integrante do Ministério da Cultura; Cris Lopes, integrante do GT Arte, Saúde e Cultura; Eliane Dias de Castro, da USP; Emílio Telesi Júnior, da Atenção Básica da Secretaria Municipal de Saúde, representando o Sr. Secretário Municipal de Saúde. (Palmas)

Antes de darmos início à fala dos integrantes da Mesa, que terão dez minutos para sua exposição, teremos a participação do coral Cidadãos Cantantes.

- Apresentação musical

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Após ouvir a apresentação musical do coral, parabéns a todos os integrantes, vamos dar início as nossas atividades.

A Secretaria da Comissão de Educação, Cultura e Esportes está presente, então durante esse período as pessoas podem levantar a mão, a Secretaria vai até a pessoa, anota o nome da pessoa que irá querer fazer a intervenção no plenário.

Com a palavra o Sergio Mamberti.

O SR. SERGIO MAMBERTI – Bom dia a todos. Cumprimento a Cris Lopes, o Paulo, representantes aqui da Secretaria de Saúde. O Emilio, Eliane da Universidade, na verdade todos os presentes, porque essa nossa luta, é uma luta antiga, uma luta muito difícil. Comecei a participar desse movimento no início da sanção da lei, antimanicomial e brigamos muito para que essa lei fosse aprovada.

Isso nos anos 80, nosso deputado Paulo Delgado, através do Pedro Delgado que trabalhava justamente com essa questão dos manicômios e de certa maneira, seguia um movimento que vinha de um movimento mundial na luta, antimanicomial. Então, nós como

sempre, essa aproximação entre arte, saúde e cultura sempre foi muito importante e os artistas participaram muito da luta de, antimanicomial. Mas depois fomos evoluindo dentro desse processo e agora, mais recentemente, - quantos anos estamos juntos, Cris, nem sei mais? -, Uns 20 anos que eu venho acompanhando o trabalho da Cris Lopes, com os cidadãos cantantes, como a questão dos SECOS, estou vendo aqui um cartaz em nossos sonhos. Apoiar os SECOS. São muito importante, justamente porque dão esse acesso, essa possibilidade, de você estar tendo um entendimento sem estar internado em uma clínica psiquiátrica. No período em que estive no Ministério da Cultura, muito fiel a esse movimento e essa aproximação nós participamos da convenção da adversidade cultural da UNESCO que justamente abre novas perspectivas para um alargamento do conceito de cultura para a lei só das artes, mas também para outras áreas importantíssimas como com, essa relação entre cultura e saúde. E dentro da minha secretaria, foi à primeira da Adversidade Cultural, talvez do Mundo. Que foi durante o Governo Lula, um governo extremamente inovador. Nós então começamos a fazer vários programas, nos com o Ministério da Saúde e o programam principal era justamente os Loucos pela Adversidade, que foi o programa nacional, inclusive aqui os trabalhos que a Cris Lopes, foram para participar de um edital e foram premiados, justamente, pelo trabalho, pela consistência do trabalho realizado. Nós unido na Secretaria da Adversidade trabalhamos as populações indígenas, movimento LGBT, apoiamos as passeatas do Orgulho Gay, de promoção, de integração social, justamente no movimento LGBT e patrocinamos paradas em cidades com menos de 20 mil habitantes. Chegaram até a fazer um questionamento dizer: como, isso não é cultura? E nós argumentamos justamente dizendo que éramos signatários da convenção da adversidade, o Brasil é signatário, isso era o conceito de adversidade, ele ampliava o conceito de controle. E com isso nós ganhamos essa demanda. É muito importante que vocês tenham essa na convenção de adversidade cultural, nesse momento difícil que passamos, uma passagem também de administração para que possamos ter uma continuidade, uma permanência desse trabalho na próxima gestão. Acredito que esse talvez

tenha sido o motivo dessa audiência e o que me trouxe aqui é justamente para que essa continuidade permaneça. Que haja essa continuidade para que esse trabalho, que de tantos anos, não se esgote. Ele tem atravessado várias gestões. Uma solicitação que faço ao Prefeito Doria, é que olhe com muito carinho, com muita atenção porque é um trabalho social da maior importância que está respaldado, justamente pela convenção da adversidade cultural.

Particpei aqui em 2014 do encontro de encontro de saúde, arte e cultura, realizado no espaço das Artes, Palácio das Artes.

Foi um encontro maravilhoso que teve resultados importantes. Espero que a gente tenha respaldado inclusive pelas decisões, pelas resoluções que, vamos dizer, nortearam e, de certa maneira, foram o resultado desse encontro, que elas permaneçam e que tenham continuidade aqui nesse processo.

Então a gente sabe que o momento que se vive hoje - não só no Brasil até a gente pode falar neste momento difícil que os americanos estão passando, mas que o mundo certamente passará com Trump à frente do governo americano – é muito importante que iniciativas como essa tenham um respaldo.

É muito importante que essa área social do Governo – felizmente eu até vi que algumas áreas aqui o Prefeito Doria já disse que não daria continuidade, mas é preciso que as gestões se conscientizem da importância das áreas sociais na sua administração. Porque são justamente essas áreas que dão conteúdo, peso e estabelecem uma relação profunda com a comunidade, porque são as áreas que falam das pessoas e dos problemas que elas enfrentam.

Eu não poderia deixar, viu Paulo, de vir aqui. Agradeço muito a atenção da Câmara Municipal de ter, justamente através da Comissão de... qual foi a Comissão? De Educação e Cultura, não é?

O SR. PRESIDENTE (Reis) - Comissão de Educação, Cultura, conjuntamente com a Comissão de Saúde.

O SR. SÉRGIO MAMBERTI - Com a Comissão de Saúde, que atenderam ao

pedido para que fizéssemos esta audiência pública.

E como a gente vê, sempre está sempre super bem frequentado, temos um público muito fiel, porque também estão aqui com o mesmo desejo e motivo que é justamente o de dar continuidade a esse trabalho que é muito difícil.

Sei que é trabalho de uma luta muito grande, justamente porque é uma área que sempre tem um olhar... como não é uma área – vamos dizer – considerada estratégica, normalmente, é uma área que não tem um olhar muito – vamos dizer – atento e que não tem – vamos dizer – o respaldo que a gente precisa.

Então a gente vive justamente desta militância que está aqui presente. É esta militância que mantém viva essa luta. Pessoas como a Cris que tem, realmente, estado aqui nessa luta, enfrentando muito pessoalmente de uma forma muito valente e muito persistente.

Aqui o Coral dos Cidadãos Cantantes, sempre que posso venho me apresentar com eles no dia da Luta Antimanicomial e participar porque é uma coisa que... tivemos aqui Itamar Assunção, que sempre foi uma pessoa extremamente presente também, até o seu passamento, mas que está muito presente na nossa memória.

Eu gostaria que essa militância tivesse essa repercussão junto ao novo Governo. E aí eu me junto a todo esse movimento, estarei inteiramente à disposição em qualquer tipo de demanda que vocês estiverem, junto à nova gestão, para que a gente possa dar continuidade ao nosso trabalho.

Há aqui uma representante da universidade.

Essa relação entre educação, arte, cultura e comunicação, porque a gente sabe dos efeitos maléficos de uma comunicação a serviço de outros interesses, que não os interesses da comunidade.

Nós temos os claros exemplos aí ultimamente – vamos dizer - fizeram com que, através de uma mídia extremamente parcial, a gente tivesse uma - vamos dizer – mobilização de uma grande parte da sociedade, com informações absolutamente incorretas e que tanto

prejuízo e tanto dano causou a todos os avanços que tivemos nos últimos 12 anos.

Mas estamos na luta, não desistimos.

Foi lançado agora o Observatório Nacional da Justiça, pelo ex-Presidente Lula e certamente estaremos militantes atentos, estaremos aqui, mas estaremos também nas ruas, defendendo a liberdade e a democracia, assim como todos os movimentos sociais.

À luta, companheiros. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Agradeço as palavras do Sr. Sérgio Mamberti, quero dizer, Sérgio, que esta gestão do Dória tem nos preocupado muito, porque se percebe que vários setores sociais não estão sendo representados em seu Governo.

Agora, por exemplo, a questão da Secretaria da Igualdade Racial, que vai deixar de existir, é um ataque a políticas afirmativas que nós estamos vivenciando, políticas afirmativas essas que a Cidade implementou com muito sucesso em São Paulo. Foi um exemplo para o resto do País, várias outras cidades passaram a debater e até a aprovar projetos nesse sentido.

Inclusive a própria lei federal que, após a aprovação aqui na cidade de São Paulo, das cotas na Administração Pública, também avançou bastante, assim como no próprio Estado de São Paulo. Mas hoje, com o advento desta nova gestão, nós estamos percebendo um ataque, ataque inclusive por integrantes que foram eleitos para vereador na cidade de São Paulo e a extinção da Secretaria da Igualdade Racial que, para nós, tem um símbolo muito forte nessa questão das políticas afirmativas.

As coisas, os movimentos políticos, começam sempre na cidade de São Paulo, acabam irradiando para o País inteiro. É um momento de bastante preocupação que nós estamos passando.

Vamos ouvir a Sra. Cris Lopes, que é integrante do GT Arte, Saúde e Cultura, que encaminhou a questão desta audiência à Comissão de Educação e de Saúde.

A SRA. CRIS LOPES – Bom dia. É com imensa alegria que aqui represento o

Grupo de Trabalho Arte, Saúde e Cultura, foi pedido a mim que o representasse. É um grupo grande, onde participam representantes da comunidade científica, temos a participação da Universidade de São Paulo, através do pessoal do Pacto, que é da terapia ocupacional, da USP; a participação da sociedade civil organizada e que vive no seu cotidiano a possibilidade da junção da Saúde com a Cultura.

Então temos nesse espaço a participação do É de Lei, que é um centro de convivência da sociedade civil, é um pontão de cultura – é um ponto ou é um pontão? (Pausa)
É um ponto.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. CRIS LOPES – Temos a participação das Secretarias Municipal de Saúde e a de Cultura e da Câmara Municipal. Acho que é isso. Estão todos representados.

Nesse grupo, a gente vem construindo a perspectiva de aproximação de interface, desde 2014 fizemos um encontro importante na Praça das Artes - esse que o Sérgio lembrou -, de lá para cá fomos trabalhando todas as sugestões surgidas desses encontros e as que foram chegando através dos centros de convivência, Cooperativa da Cidade, que são o exemplo vivo dessa possibilidade de interface dentro de uma secretaria de saúde, e das sugestões advindas das casas de cultura, dos pontos de cultura, que são os representantes também dessa perspectiva de aproximação de interface na Secretaria Municipal de Cultura.

Fora isso, todas as experiências desses grupos, desses coletivos autônomos, não ligados à política pública, mas que desenvolvem um trabalho de importância pública para o bem comum também foram agregados, resultou numa minuta que está circulando e que hoje vai ser o grande objeto da nossa discussão.

Esta mesa é um aquecimento para apresentar essa minuta, para cada um aqui poder ocupar na audiência aquilo que a audiência tem de mais importante que é a voz de cada um, manifestando opiniões que vêm, certamente de um coletivo de discussões que a gente sabe que a Cidade fez. Para quê? Qual é a importância de estarmos aqui? Para que isso

possa, de alguma maneira, se materializar ou em projeto de lei, ou se materializar numa proposição para o Ministério.

A gente tem que pensar aqui nos desdobramentos que isso pode ter no caminho do Legislativo e do Executivo, de maneira que essa aproximação não seja só de boa vizinhança. Por exemplo, de cada centro de convivência fazer com uma biblioteca ou com uma casa de cultura, criando possibilidades desse diálogo entre as linguagens das artes e da cultura com a saúde transformar a vida das pessoas.

A gente gostaria que isso que vem se construindo há tantas décadas tivesse uma sustentação, uma possibilidade de enraizamento para que a gente não continue ao sabor dos governos que por ora passam na Cidade, a cada quatro anos.

Aquilo que hoje se sustenta em proposições governamentais se transforme em sustentação de estado, algo que permaneça, que a gente não perca, que a gente não tenha de ficar com o pires na mão ou levando os nossos cartazes, nossos trabalhos, as teses de mestrado, de doutorado, de tanta produção, para justificar a importância que isso tem para uma cidade. Na importância que tem na forma que as pessoas hoje adoecem e morrem na Cidade. O que isso tem a ver com a cultura? Tem. A gente pode ir demonstrando isso, como que as pessoas podem viver diferente, adoecer diferente e morrer diferente se a saúde puder estar mais próxima de outros saberes, no caso aqui, outros saberes da cultura e das artes.

Quanto isso interfere na forma que as pessoas vivem e se relacionam, como que elas produzem. Isso parece pouco, mas isso é demais. Isso muda Índice de Desenvolvimento Humano, muda as perspectivas de futuro para crianças, adolescentes, adultos e velhos. Isso muda a forma como a gente se relaciona com a coisa pública e com a Cidade.

Pessoas que hoje podem transitar pela Cidade de forma não tutelada e adentrar aos museus, produzir e consumir arte com direito a esse acesso. O que isso muda na vida de cada um? Isso muda a forma de a gente estar no mundo, a forma de a gente ver o mundo.

E é dessa perspectiva que a gente gostaria de estar falando, construindo hoje. Esta

audiência não é para cada falar do seu pedaço pequeno, do que está precisando, mas é para falar desse pedaço maior que é a Cidade, do qual todos nós podemos nos alimentar. Por exemplo, o quanto que o projeto vocacional da Secretaria Municipal de Cultura pode estar mais perto da Secretaria Municipal de Saúde e, com isso, modificar a relação que temos com as pessoas? Essa relação pode se dar através de oficinas, por exemplo, de dança, onde quem está à frente é um profissional de dança e quem elege esse grupo são os profissionais da saúde.

Parece pouco, mas isso é muito, e é inovador. Embora isso esteja sendo construído na cidade de São Paulo há tantas décadas, é inovador. E quem disse isso não fui eu, mas Félix Guatarri, um importante pensador francês que esteve aqui e disse que não tem precedente o que a gente faz, nem na Europa, porque o que existe muito são grupos homogêneos, voltados para determinadas necessidades. E a nossa ousadia é misturar as pessoas, porque a ousadia reside em olhar as pessoas como um fenômeno humano, não de acordo com a doença, mas de necessidade a partir daquilo que falta.

A gente precisa se debruçar sobre isso e perceber que o que fazemos é muito ousado, muito novo e revolucionário. E para que isso tenha a força que merece, precisamos de amálgamas, precisamos-nos de aproximar linguagens, sabedorias. Edgar Morin também fala disso, um pensador francês também, por acaso. Eles nos dizem e validam o que a gente faz como algo singular, mas quem está fazendo somos nós, brasileiros, que fazemos muito, embora talvez escrevamos pouco. E estamos numa direção muito inovadora, quando essa amálgama se dá, quando as linguagens se conversam, quando as sabedorias se aproximam; então, a gente se mistura, e essa mistura provoca muitas transformações.

A gente está falando aqui de saúde e cultura, mas podemos pensar em muitos atores da Educação, do Verde, da Assistência Social, em mestres da cultura popular que estão fora dos campos oficiais. É esse território aonde a gente olha e sente a sua potência. E a gente gostaria que essa potência não ficasse na boa vontade, mas que isso tivesse a dignidade, que

é reconhecimento e valorização política, que possam fazer disso uma oficialidade.

Não se trata de burocratizar, de amarrar, mas de dar consequência, reconhecimento de que como esses saberes que dialogam podem promover mudanças, que mudem a nossa qualidade de humano, mudanças que esbarrem numa outra qualidade de civilidade. É disso que a gente fala, é isso que a gente quer, é nessa direção que o grupo de trabalho vem construindo a sua proposição.

Hoje, esta audiência é uma provocação, para que todos que estejam aqui não saiam satisfeitos com pouco, mas a gente tem que sair daqui satisfeitos com muito, com essa produção, que envolva esta Casa Parlamentar e que envolva possibilidade de continuidade.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Tem a palavra a Sra. Eliane Dias de Castro, representando a comunidade científica.

A SRA. ELIANE DIAS DE CASTRO – Bom dia a todos. Começo agradecendo a oportunidade de termos, juntos, de diversas formas, tocado este momento político de tornar pública a cooperação de muitos.

Há 30 anos já a gente está nessa frente de desenvolvimento de projetos, ações, na interface arte saúde e cultura que, assim como o Sérgio falou, tem toda uma ressonância política fundamental na experiência cotidiana das pessoas.

Agradeço muito por compor a Mesa, junto com a Sra. Cris, com o Vereador Paulo, para podermos aquecer o nosso momento de conversa coletiva.

Elaborei um pequeno texto, que vou ler, porque acho que essas palavras podem dar uma linha interessante para o nosso trabalho desta manhã.

Ao ouvir um grupo de participantes dos ateliês de arte e corpo desenvolvidos no Pacto – Projeto Didático-Assistencial do Curso de Terapia Ocupacional da USP –, ficou ressoando em minha memória os seguintes pedidos: queremos lugares para continuar realizando nossos trabalhos de corpo e para fazer nossas artes; queremos continuar juntos,

queremos mostrar em espaços da Cidade o que produzimos. Vontade legítima brotada num movimento de emancipação formado coletivamente nos encontros dos ateliês; expressão de um grupo heterogêneo de pessoas que frequentavam, além dos ateliês, serviços de saúde mental, de reabilitação de pessoas com deficiência, de reabilitação em dependência química; ou viviam na condição de moradores de rua, ou ainda eram idosos excluídos do processo social.

Essa experiência, em conjunto com muitas outras, indicia um amplo movimento sociocultural de luta pelos direitos de participação cultural, de aquisição de diferentes linguagens para expressão e comunicação nas relações com o outro, para o viver junto, para produzir e usufruir de uma vitalização que o contato com as artes e a cultura provoca na experiência sensível.

A arte ensina a ver, ensina a sentir. O contato com as artes pode instaurar uma experiência da delicadeza, das nuances. A percepção e o sentimento das nuances na arte é uma espécie de treinamento para a percepção de outras coisas na vida.

Na Universidade de São Paulo, grupos de pessoas de diferentes áreas: docentes, técnicos, estudantes e participantes de projetos na interface arte saúde e cultura, envolvem-se numa multiplicidade de ações afirmativas para a construção dos direitos sociais e culturais, de pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade social. Articulou-se uma rede de projetos e experiências práticas que criam aberturas na malha sociocultural da Cidade, instaurando novos panoramas sensíveis e um conjunto de inovações práticas e territoriais que imprimem desdobramentos numa pluralidade de experiências. Aqui, o ato de formar tem bases éticas, estéticas e políticas e se faz em compromisso com o campo social.

Os mapeamentos iniciais e as parcerias estabelecidas demonstraram um grande número de projetos artístico-culturais de pessoas atendidas e de profissionais envolvidos. Numa fotografia dum certo momento desse mapeamento, pois há uma grande variedade de proposições e alterações dinâmicas que atravessam os projetos, tínhamos na cidade de São

Paulo um número aproximado de 1,176 milhão de atendimentos/ ano nesse campo que denominamos de interface arte, saúde e cultura. Muita coisa está sendo feita nesses 30 anos.

Esse número indica uma experiência com as dificuldades, embates, tensões, precariedades vividas junto à população que frequenta os projetos para produzir a participação sociocultural; exige um conjunto de conhecimentos clínicos, críticos e políticos para fortalecimento e duração das propostas. Ao mesmo tempo, aciona, no contato direto com as pessoas e grupos, uma força criativa que produz ideias, respostas, novas proposições, atendimentos singularizados, objetos artísticos, exposições, festas, encontros, eventos, que criam um tecido vincular vivo e pulsante, subjacente às normas sociais hegemônicas, no qual se inventam novas formas de partilhar a vida comum.

Falamos aqui de ações com diferentes camadas de penetração num mundo sociocultural, a formação de estudantes na graduação e na pós-graduação, a construção de um campo constituído por propostas e serviços de cultura e extensão à comunidade, em justaposição à articulação de redes de projetos, o desenvolvimento de pesquisas implicadas com as práticas que aferem estudos e reflexões sobre o campo. Enfim, amplos matizes de um cenário político-pedagógico no qual participação e colaboração afinam necessidades: certo sonho e certo desenho de uma sociedade por vir.

A tessitura de uma política intersetorial poderá acolher a diversidade das demandas que emergem nas experiências, auxiliar no enfrentamento das fragilidades e precariedades das situações de vida, de saúde e cultura no espaço social.

As transformações que vão se operando mostram a urgência dessa realização, enfatizam a reconstrução material e simbólica da vida e da subjetividade, dos grupos vulneráveis, e convocam participantes, profissionais, instâncias políticas, administrativas e gestores da Cidade às prementes necessidades de interseção e diálogo que reforcem as ações e projetos em suas diversidades e regularidades.

A população atendida expressou, através de um forte gesto, a necessidade de

emancipar-se nas possibilidades de emancipação sociocultural. Exemplifico: há um tempo já, estávamos desenvolvendo um projeto de interface arte, saúde e cultura, e recebemos 850 pessoas com deficiências e suas famílias, que reivindicavam a participação em oficinas de artes e cultura num equipamento de cultura público da Cidade. Tinham sido desligadas de um programa de atendimento público as pessoas com deficiência, pois gestores alteraram o perfil das pessoas atendidas.

Numa importante inversão emancipatória, buscavam na área da cultura a continuidade de participação nesses fazeres, pois eles traziam uma nova qualidade aos seus cotidianos, às suas relações, às suas vidas. Esse breve exemplo nos faz pensar que fortalecer e garantir a pluralidade de ações e interface dará passagem às emergências, do que se apresenta como necessidade sociocultural.

A participação nos grupos, oficinas, ateliês, apontam outras dimensões da vida coletiva que se abrem: fazeres artísticos e culturais, conversas e debates coletivos, ampliação de linguagens, metodologias colaborativas, novas formas de relações com o outro, de circulação pela Cidade. São necessárias, portanto, novas ações, novos espaços de criação, de convivência, novas articulações.

A experiência coletiva imprime aos envolvidos uma responsabilidade com prosseguimento de um projeto em rede que se faz, se expande e se encaminha na efetivação de maiores contratualidades e visibilidades para essas necessidades e mobilizações.

Aferem aos grupos vulneráveis as mesmas condições socioculturais que a de outros cidadãos, equiparando oportunidades e garantindo a participação em atividades culturais, nas quais possam contribuir com seus potenciais criativos, artísticos, intelectuais, com seus modos de vida.

A seriedade e a complexidade desta proposição adquire um estatuto de maior eficácia na transformação da vida, da arte, da saúde e da cultura para a Cidade. Os desdobramentos dessas experiências, para terminar, falam da instauração de um tipo de

sensibilidade nutrida nas situações precárias da vida em contato com os equipamentos de saúde e cultura que quer construir maiores possibilidades comuns. São experiências de força e delicadeza que sentem a importância da igualdade de direitos, a importância de resistir aos processos de exclusão, de ir e vir, de dar vazão à criação, à beleza, ao contato com muitos elementos que compõem a vida artístico-cultural.

A sensibilidade aqui ressoa a singularidade dos processos aos novos caminhos inventivos que transmutam as relações com o outro, com os ambientes, com a produção de subjetividades, com as políticas do comum. A nutrição desses processos se dá, como a gente viu no começo desta audiência, através de uma série de intervenções materiais e imateriais, ativadas pelas artes: músicas, danças, encenações, artes plásticas, instalações, performances, enfim, formas inusitadas de composições propostas coletivamente para reinventar a arte, a saúde, a cultura e a própria vida.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Agradeço a exposição da Sra. Eliane, apresentando nesta audiência a comunidade acadêmica científica.

Tem a palavra o Sr. Emílio Telesi Júnior, representando a Secretaria Municipal de Saúde.

O SR. EMÍLIO TELESÍ JÚNIOR – Bom dia a todos. É uma honra estar nesta audiência representando a Saúde.

Quando a população pede saúde, pede médicos, remédios, hospitais, procedimentos. Essa inserção da arte na saúde é uma inovação na qual estamos envolvidos e trabalhando para que isso aconteça.

As diferentes expressões artísticas dão forma à experiência humana. E quais são essas expressões? A música, a poesia, a dança. São diferentes modos de manifestação da alma, pois são formas de sociabilidade da natureza e da condição humana. Por isso, a saúde precisa incorporar essas manifestações artísticas.

Há um conceito que todos nós aprendemos sobre saúde: a saúde é um bem-estar social completo. Mas na minha maneira de ver, saúde não é isso, saúde é luta. Quando a gente fica doente, as nossas células lutam pela recuperação da saúde, e a mesma coisa nós estamos fazendo neste momento, abrindo espaços para trabalhar de outra forma essas questões que afetam a nossa vida, a nossa alma, o nosso corpo. E as expressões artísticas têm muito a contribuir com isso.

Então, em nome da Secretaria Municipal da Saúde, eu quero manifestar todo apoio dessa Secretaria a projetos dessa natureza porque essas manifestações abrem espaços para a humanização do ser humano e é isso que estamos precisando especialmente nesse momento, nessa conjuntura ampla social, política e econômica que estamos atravessando.

Eu quero agradecer ao convite e a Secretaria está junto desse trabalho e apoiando e vamos continuar, queremos continuar, vamos fazer força para isso.

Encerro aqui minha breve participação nessa Mesa. Obrigado a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Pergunto se chegou aqui o representante da Escola Municipal de Educação Artística, EMIA? Da Secretaria Municipal da Cultura? Também não.

Então vamos à manifestação do plenário. Vamos estabelecer três minutos, é um prazo regimental. Vou pedir à Secretaria para me assessorar, quando faltar um minuto para encerrar o tempo eu aviso a pessoa.

Tem a palavra o Sr. Nei Luís Picardo Alvares, psicólogo da Secretaria a Saúde, Supervisão Técnica da Coordenadoria Sudeste.

O SR. NEI LUÍS PICARDO ALVARES – Bom dia a todos. Eu participo do GT também e é com orgulho que a gente recebe todo mundo. Todo mundo que fisicamente está presente e que não fisicamente está presente, mas que em torno de mais de mil pessoas foram acessando a página, continua circulando a minuta para a gente assinar e fazer parte desse movimento que hoje é mais um passo importante.

Acho que uma coisa fundamental, agradecer a fala de todos na Mesa já muito

potente, mas enquanto profissional da saúde, entendo saúde pública não como “pobrica”, mas saúde pública de todo cidadão de São Paulo, independente de sua inserção econômica, como é fundamental quando a gente circula nas áreas hoje, através dos equipamentos de saúde, hoje na conversa com a Cultura, mas particularmente na minha área da saúde, na área de atenção à violência, à saúde das pessoas em situação de violência, seja idoso, criança, nas áreas de mudar novo paradigmas, onde a gente traz acupuntura, homeopatia, as práticas integrativas, toda questão da saúde mental, da luta antimanicomial e suas várias vertentes. Se a gente entender manicomial como algo que segrega, como algo que é parte de uma ideia mal colocada, e uma vez falei isso numa reunião de gerentes de saúde que falavam de acidentes e mortes, mas é assim, a gente também morre de ideais, de paradigmas mal interpretados, mal colocados, tipo: eu não tenho valor; eu não tenho futuro; a minha cor me reduz. Isso mata a gente, mata fisicamente e mata também psiquicamente. Nesse ponto, quando a gente vê a possibilidade dessa Casa ser protagonista de uma mudança de paradigma, algo que não é arte no sentido que às vezes é menosprezada a arte da arte. A arte pela arte já vale e trouxe até um pequeno poema de crianças numa escola municipal para a gente compartilhar. Mas a arte engajada e que a gente possa ter uma conversa constante entre profissionais da cultura, da saúde, artistas, com certeza vai ter um impacto na Cidade, a gente muda a qualidade dos cidadãos e a gente de fato pode representar a diferença aqui no Município de São Paulo por uma política de interface.

Termino com uma pequena frase, uma pequena poesia de uma jovem do 7º C, Ketlin Cristina, de uma escola do Jabaquara, municipal, que convive muitas vezes com violência, mas olhem o que ela faz com isso, que fala assim: “A arma do conhecimento tem poder suficiente para mudar o sistema com seus tiros de sabedoria”.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Obrigado, Sr. Nei Luís

Nosso convidado, Sérgio Mamberti, vai precisar sair, então ele vai fazer uma fala

antes, depois a gente continua ouvindo a manifestação do plenário.

O SR. SÉRGIO MAMBERTI – Obrigado, Paulo. Infelizmente tenho um compromisso, já tinha avisado a Cris e todo o GT, que eu poderia ficar na abertura, que eu fazia questão de me juntar a essa luta, e vou estar sempre à disposição para que a gente dê continuidade a esse trabalho, e que a demanda que está sendo feita aqui tenha repercussão na nova gestão.

Quero agradecer muito à Cris pelo carinho, ao Nei, ao Vereador Paulo Reis que abriu essa possibilidade, ao Emílio, em suma, a todos os presentes, mostrando que estamos juntos e que essa luta não é em vão, que ela tem respaldo na sociedade e na comunidade.

Muito obrigado e boa sorte para nós. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – A próxima inscrita é a Sra. Maria de Fátima Caxias da Silva, Cecco, Ermelino Matarazzo.

A SRA. MARIA DE FÁTIMA CAXIAS – Bom dia, pessoal. Quero que vocês tenham um ótimo dia e que nossa alma seja iluminada para todos e sempre. Eu sou do Cecco Ermelino Matarazzo, faço parte do conselho gestor e gostaria de deixar a todos um lindo abraço, pedir a compreensão de todos, porque nossa sociedade está se desfazendo devido à falta de componente.

Eu fazia parte de um núcleo do Centro de Convivência do Idoso devido a uma depressão que eu tive após o falecimento da minha mãe, aí eu (ininteligível) apoio no Cecco Ermelino Matarazzo, e esse núcleo de convivência fechou por falta de estrutura. Eu sou uma simples pessoa, não sou pobre e não sou rica, mas sou uma pessoa que tem coração, que ninguém pode... Se eu marco uma coisa com uma pessoa, eu cumpro o meu horário e o meu compromisso sério. Esse conselho gestor foi o que me abriu a mente, apesar de que a depressão está difícil para curar.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Muito obrigado.

Antes de dar continuidade à intervenção do plenário, é necessário ler as metas.

Renata, é você que vai ler?

A SRA. – A gente está propondo, para orientar um pouco as intervenções, projetar aqui a minuta e a Renata (ininteligível) vai ler só as metas para que a gente oriente as nossas intervenções nessa direção. O tempo é curto e a gente precisa de bastante pragmatismo. Tudo bem?

A SRA. RENATA – Bom dia.

Acho que na divulgação da audiência a gente colocou também essa minuta. Não sei se todos tiveram oportunidade de ler, mas a gente acha importante passar por ela, porque é o que a gente está querendo encaminhar daqui para frente, então eu vou ler. Acho que as pessoas podem continuar se inscrevendo, fazendo destaques também em relação à minuta.

Ela é organizada, tem princípios norteadores, depois são quatro eixos, dentro desses eixos tem metas e ações. Eu vou ler os princípios norteadores primeiro.

“Compor ações entre a Secretaria Municipal de Cultura e a Secretaria Municipal de Saúde e parcerias entre agentes e equipamentos da Saúde e da Cultura, sem que um se sobreponha ao outro, de forma que o trabalho interdisciplinar resulte na vitalização das experiências.

Articular ações dos órgãos governamentais com a sociedade civil organizada, garantindo o aspecto de intersetorialidade e ampla participação popular na construção da política pública de interface arte, saúde e cultura, bem como sua fiscalização.

Oferecer espaços de criação e convívio com a diferença e a diversidade que não se reduzam a princípios culturais, artísticos, de saúde e/ou sociais hegemônicos.

Distanciar-se do uso instrumental da arte e da cultura que comumente ocorre nas ações destinadas às populações atendidas na Saúde e que as mantem aderidas a lugar exclusivo de pacientes.

Inventar soluções alternativas à usual oferta de espaços exclusivos para o

denominado público especial nos equipamentos de cultura, possibilitando encontros inesperados e formas impensadas de usar e ocupar os espaços.

(ininteligível) o trabalho com grupos heterogêneos, sustentando a multiplicidade de singularidades para além de categorias identitárias específicas, sociais, diagnósticas, éticas, geracionais, de gênero etc.

Considerar igualmente, ainda que em funcionamentos, as dimensões de experimentação, criação, convivência, acesso, pertencimento, cuidado, produção, difusão.

Favorecer a relação com os vários e dinâmicos territórios da cidade, o estabelecimento de redes e laços sociais.

Valorizar o protagonismo social oferecendo condições para que todos participem das decisões sobre políticas públicas.

Sustentar a inventividade cotidiana das práticas para que a política não atue como controladora e capturadora das forças vivas.”

Esses seriam os princípios norteadores.

Uma consulta, Cris: a gente lê só as metas ou as ações também?

A SRA. CRIS – Não, só as metas.

A SRA. RENATA – As metas, só para a gente ter tempo para discutir. Mas a minuta está disponível, todo mundo consegue acessar.

Então, dentro do Eixo 1, que é Territórios, Redes de Convivência, Meta 1: “Parceria entre a Cultura e a Saúde oficializada através da criação de uma rede de saúde e cultura que envolva equipamentos públicos como o Cecco, Centro de Convivência e Cooperativa, pontos de economia solidária, comércio justo, cooperativismo social e cultura, as casas de cultura, os pontos de cultura, entre outros, além de espaços comunitários com potencial para o desenvolvimento de ações na dimensão artístico-cultural, de forma a incentivar e viabilizar o surgimento e a sustentação de iniciativas intersetoriais voltadas à produção de saúde e cultura e encontros de convivência e experimentação artística, com prioridade para grupos de

composição heterogênea.

Meta 2: Comunicação e identificação entre agentes, projetos e equipamentos que atuem no campo de interface entre as artes, a saúde e a cultura na cidade de São Paulo facilitadas de forma a viabilizar a troca de informações e experiências e fortalecer a rede de cultura e saúde de São Paulo.

Meta 3: Ter o acesso dos usuários participantes de projetos e equipamentos situados na interface das artes, da saúde e da cultura a circuitos e atividades culturais da cidade, como frequentadores e (ininteligível), as condições para realização de apresentações ou exposições que eles mesmos venham a fazer e a possibilidade de circular no território para tecer a rede e compor novas parcerias garantido.

Meta 4: Política de participação e convivência com a diferença/diversidade a partir de grupos heterogêneos que promovam encontros de pessoas com diferentes trajetórias, experiências e saberes implementada de modo a favorecer ações culturais e artísticas que conectem a multiplicidade de modo de vida aos vários e dinâmicos territórios da cidade.

Meta 5: Pontos de economia solidária, comércio justo, cooperativismo social e cultura e rede de economia solidária e saúde – Ecosol, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde reconhecidos e estimulados pela Secretaria Municipal de Cultura.

Meta 6: Mostra de trabalhos da cidade de São Paulo, para encontro, apresentação, exposição e divulgação das produções feitas em projetos que atuem na interface arte, saúde e cultura, realizada anualmente de forma a contribuir para a valorização e qualificação dessas iniciativas.”

Essas são as metas propostas para o Eixo 1. Dentro de cada meta tem as ações que a gente não está especificando aqui.

“O Eixo 2, Formação, Matriciamento e Supervisão para o trabalho na interface artes, saúde e cultura.

Meta 7: Espaços específicas de formação prática ou teórica para o trabalho com

grupos heterogêneos na interface artes, saúde e cultura criados, ampliados e incentivados de forma a viabilizar uma formação de qualidade para o trabalho com a diferença/diversidade e a garantia da cidadania cultural em todas as ações.

Meta 8: Diálogos e trocas mais frequentes entre profissionais da Saúde e da Cultura favorecidos, compreendendo que o fazer e o inventar junto no território, no dia a dia das práticas se configura como importante momento de formação para o trabalho transdisciplinar em grupos heterogêneos.

Meta 9: Programas de formação técnica e profissionalizante para as artes, gestão e produção cultural com sensibilização para o trabalho com a diferença/diversidade e a garantia da cidadania cultural ampliados e implementados.

Profissionais qualificados para atuarem como técnicos gestores e/ou produtores culturais são um desafio constante na administração dos espaços e ações culturais, especialmente no que se refere às ações que se dão na interface entre as artes, a saúde e a cultura. A oferta de cursos de capacitação técnica e experimentação profissional no campo das artes, da gestão e da produção cultural (ininteligível) atender a essa demanda, bem como ampliar o acesso à formação técnica no campo da cultura para o público interessado por meio de atividades práticas e teóricas de caráter formativo.

No entanto, é imprescindível que todos os programas de formação técnica profissionalizante incluam como princípio fundamental a sensibilização para o trabalho com a diferença/diversidade de forma a multiplicar ações alinhadas aos princípios das políticas públicas de saúde e cultura já existentes que promovam a convivência, o respeito aos direitos humanos e a garantia da cidadania cultural para todos.

Meta 10: Política de formação interdisciplinar voltada aos diferentes agentes de cultura implementada, com capacitação para gestão, manejo grupal, acesso e convivência entre diferentes grupos, coletivos e sujeitos, para que pessoas que sofrem processos de exclusão possam ser acolhidas e participar dos espaços culturais de forma a garantir a todos o

direito à cultura.

Eixo 3, Participação Sociocultural e Controle Social.

Meta 11: Canais permanentes de interlocução e de participação nas decisões políticas para usuários, profissionais e população em geral instituídos, fortalecendo a relação com quem utiliza o serviço e valorizando as iniciativas da sociedade civil e dos movimentos sociais.

Meta 12: Acesso de diferentes públicos à cultura e à participação na vida cultural ampliado, compreendendo a livre criação, expressão, acesso e difusão através da inclusão de pessoas com deficiência, sofrimento psíquico e/ou (ininteligível) de vulnerabilidade como público alvo de programas da Cultura e da intensificação da articulação entre equipamentos de diferentes secretarias.

A este respeito os Ceccos e os pontos de economia solidária, comércio justo, cooperativismo social e cultura são equipamentos-chave da Secretaria de Saúde, pois suas ações situam-se na interface da saúde, da cultura e das artes. Os Ceccos geralmente localizam-se em espaços de circulação como parques, clubes e escolas.

O Município de São Paulo possui atualmente 23 Centros de Convivência e Cooperativa que têm como objetivo central fomentar a convivência e o encontro com a diferença em propostas artísticas e culturais coletivas, assim como de incubar cooperativas de trabalho e economia solidária.

Os Ceccos recebem diariamente crianças, adolescentes, jovens, idosos, pessoas com deficiência e sofrimento psíquico e/ou em situação de vulnerabilidade e o público em geral.

Eixo 4, Financiamento, Fomento, Editais e Legislação.

Meta 13: Leis existentes atualizadas e novos mecanismos de apoio às expressões artísticas e aos projetos que atuam na interface artes, saúde e cultura criados visando ao aumento do número de ações, sobretudo de grupos informais que não possuem pessoa

jurídica, mas devem igualmente ser contemplados pelas políticas de financiamento da Secretaria Municipal de Cultura.

Meta 14: Equipamentos e projetos já existentes que desenvolvem ações de interface artes, saúde e cultura reconhecidos, formalizados e fomentados de modo que não fiquem à mercê dos diferentes governos e orientações partidárias.”

É isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Lidas as metas, passemos à intervenção do plenário.

A próxima inscrita é a Sra. Elizabete Lima, da USP.

A SRA. ELIZABETE LIMA – Bom dia. Eu queria falar primeiro da alegria de estar aqui junto com todos vocês. A gente vai vendo as caras e vendo as que estão em muitas trajetórias, muitas experiências, muitos corpos, todos nós com histórias tão diferentes e todos juntos em busca de um comum que é a construção de uma vida melhor para todos nós. E essa construção, dela faz parte a construção desses espaços de encontro onde arte, produção de saúde e cultura possam estar juntos produzindo essa vida melhor.

Eu vou falar um pouco do meu lugar. Eu sou professora de terapia ocupacional e faço parte de um grupo de pesquisa que há bastante tempo vem pesquisando essas ações na interface arte, saúde e cultura. E o que a gente vai vendo com essas pesquisas é que a gente, no Brasil, tem um acúmulo de experiências desse tipo – de práticas e pioneirismo –, e isso precisa ganhar o lugar de reconhecimento e uma estrutura para suportar e sustentar essas práticas que já sabemos fazer. Temos essa longa história, e foi o acúmulo dessas experiências, essa história, que fez surgir, já no final da década de 80, em 1990, no governo da Luza Erundina, os CeCCos, aqui na cidade de São Paulo, que é uma experiência pioneiríssima de política pública intersetorial, juntando Secretaria da Saúde, Secretaria da Cultura, de Parques e Áreas Verdes, criando nos parques, nas áreas públicas da cidade, um espaço aonde todo podem ir para estar juntos. Cada um tem o seu motivo, para estar junto, criando, convivendo, inventando novas formas de produzir cultura, aprendendo coisas. Então temos essa

experiência na cidade de São Paulo já há 30 anos, e um monte de gente trabalhando nisso e crescendo com isso. Essas mesmas experiências também levaram à constituição, no Governo Lula, no primeiro Governo Lula, no Ministério da Cultura do Gilberto Gil, a mapear em todo o território brasileiro tantas práticas de cultura e criar esses pontos de cultura a partir do que as comunidades faziam, inventavam. Quer dizer, é uma ideia de cultura que não vem de cima para baixo, mas que vem da comunidade, que vai ensinando e trazendo, preservando a sua própria cultura. E também foi esse acúmulo de experiências que nos permitiu na cidade de São Paulo ter esse GT de arte, saúde e cultura, que agora, nesse momento, traz esse espaço tão importante para nos encontrarmos.

Esse momento de uma audiência pública é onde podemos colocar na pauta das políticas sociais essa política intersetorial, uma política que vem se constituindo como uma verdadeira política pública, no sentido de que é uma política criada pelos coletivos, e não uma política que veio de cima, porque nós todos estamos criando. E vamos nos reunindo para resistir a uma certa forma de vida que tem sido imposta para nós, que é essa que nos empurra para o individualismo, para o isolamento, para a violência. Nós não queremos essa vida, nós queremos uma vida comum, com espaços comuns que tenham sustentação. As artes, a cultura, a saúde são formas e espaços de construção e transformação do mundo, no aprendizado de convivência. Então, para isso, é necessário que esse diálogo que estamos dizendo aqui, que tem uma longa história, seja oficializado, que ganhe continuidade, permanência, sustentação, que tenha formação para que possamos fazer esse diálogo mais forte, que tenhamos recursos para isso. Acho que temos lutado já faz tempo por isso, e vamos continuar lutando. A nossa luta é por afirmar uma vida digna para todos, uma vida digna de ser vivida, e vamos continuar nessa luta.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Muito obrigado. A próxima inscrita é a Sra. Magda Castro Lopes, do CeCCO Ibirapuera e Cordão Bibitantã.

A SRA. MAGDA CASTRO LOPES – Gente, a Betinha falou que eu ia falar! Porque eu acho que é isso: a gente tem uma história muito grande na saúde mental em São Paulo, e, na linha do que a Cris falou, a gente quer o reconhecimento e a sustentação para continuar fazendo o que a gente sabe. É muito tempo de experiência e de construção, de uma maneira

de entender a saúde mental, a vida.

Esse é um momento em que a gente vem até a Câmara e fala que sabemos do que estamos falando, e cada um pode dizer pessoalmente o que é esse processo. E a gente organizou esse processo todo nessas palavras dessa minuta e a gente quer o reconhecimento, a gente sabe do que está falando. Só que é uma luta. Tem muita construção e pouco respaldo. O brasileiro tem essa característica legal: a gente é corajoso, a gente é inovador, a gente inventa. Acho que é isso mesmo. Só que depois de tanto tempo que a gente já está inventando, a gente precisa do reconhecimento e da sustentação para isso.

Eu, por exemplo, faço parte de um dos projetos dessa longa jornada do Cordão Bibitantã. Eu fui lá bater na Secretaria da Cultura: “Olha, a gente precisa de vocês”. Foi lindo, porque o projeto vocacional recebeu a nossa proposta falando a mesma língua que a gente. Dei sorte no momento político, na conjuntura. E por essa parceria entre a saúde e a cultura, a gente conseguiu retomar o Cordão Bibitantã, que estávamos há dois anos sem conseguir desfilar. Existe desde 2006, mas sempre numa luta para conseguir exatamente o parceiro da cultura. Porque a gente entende de saúde mental, mas, se quisemos fazer um projeto desse tipo, a gente precisa dos parceiros da cultura.

Está aqui um parceirão nosso, o Dênis, que é do vocacional, e aí a gente soma.
(Palmas)

E agora falando especificamente do Cordão Bibitantã.

A ideia é que a cultura popular é de uma sabedoria e de uma potência que, quando a gente traz essa potência, na verdade, quando a gente dá espaço para essa potência que está em todos nós, brasileiros, se manifestar, isso é de um fortalecimento de cada um que é lindo. Tem uma aura, uma energia, uma coisa que vem de uma história de resistência, que é o caso do samba. Só que nós, da saúde mental, não dominamos isso. A gente entende, mas não domina, e por isso precisamos das pessoas que abram essas portas.

Falo do Cordão porque é um modelo dessa parceria que funcionou. Nos últimos dois carnavais, indo para o terceiro, estamos com essa parceria com o Voacional. E é demais. Eu sou suspeita, mas não sou somente eu que digo isso. Agora, o ano que vem, vamos conseguir manter o Cordão? Gente, pode ser que o Cordão acabe o ano que vem, porque, sem a parceria com a Cultura, não tem a sustentação. Então é uma coisa louca. Eu estou falando de um projeto, mas que tem uma visibilidade nacional, que todo mundo conhece o valor, e pode ser que o ano que vem a gente não consiga continuar, acabe, porque não existe a

oficialização.

Então o que viemos falar é o seguinte: “olha, Vereadores, nós temos o que dizer; nos ajudem a fazermos o nosso papel. A gente sabe fazer a experiência, agora a gente precisa que vocês façam a de vocês, escutem a gente, reconheçam e lutem com a gente, porque é a luta que faz a lei”. Nenhum povo recebe os direitos, tem que lutar. Mas a gente já está lutando, a gente está aqui. A gente está lutando no dia a dia, enfrentando coisas muito difíceis. Então a gente veio pedir isso: escutem a gente, reconheçam essa experiência, o valor disso, porque é demais. É muito lindo o que a gente faz, é muito corajoso, muito árduo e árido, mas a gente faz. Só que a gente precisa dessa oficialização. Porque quando eu fui conversar no Vocacional a gente falava a mesmas língua – “Esse projeto é demais”. Só que o que eles dizem é que a Secretaria da Cultura precisa de verba para disponibilizar o povo que trabalha no Vocacional para trabalhar conosco não saúde. Eles querem. Eles até coloram no edital deles da seleção, dos artistas educadores, CeCCo, só que a Cultura não tem dinheiro para bancar essa contratação. Então precisa haver essa parceria oficializada entre a saúde e a cultura para tudo isso se poder negociar.

Bom, acho que esse é o meu recado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – O próximo orador é o Sr. Vítor Paulino Júnior, do Cidadãos Cantantes.

O SR. VÍTOR PAULINO JÚNIOR – Bom dia a todos – Sr. Presidente da mesa, Secretário da Saúde, Secretário da Cultura.

É, infelizmente, sem cultura fica difícil. Eu, senhores, bebia. A partir do momento que eu comecei a tomar remédio, eu comecei com 20 comprimidos; hoje, eu só tomo 12, devido à Cultura, que me tirou dos botecos, me tirou de lugar errado, caminhos estranhos. Então eu peço a todos: vamos ocupar esse lugar. Tá legal! (Palmas) Aqui é a casa do povo, não lá fora. E se aqui é a nossa casa, aqui o povo tem que ter votos. O povo.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Tem a palavra o próximo orador, Sr. Douglas Nonato da Silva, da CeCCO Bacuri.

O SR. DOUGLAS NONATO DA SILVA – Agradeço a Câmara Municipal por estar aqui. Sou do Cecco Bacuri, sou da convivência musical do Prof. Hélio e sou autor.

A questão é a seguinte: a nossa reivindicação é que precisamos de dinheiro. Dinheiro. Precisamos de muitas coisas ricas, inclusive de almas, almas dos homens, porque o

que estamos querendo organizar uma ação rica, e isso implica mover dinheiro. Em nossos pensamentos, um ato que virá a nos divergir em contentamento, aqui moverá ação em questão do procedimento que provir do questionamento da república, que, sabemos, é de onde virá nossa sabedoria. Hoje, um momento de reflexão. É só. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Tem a palavra o próximo orador, Sr. Marcel, do CeCCo Trote.

O SR. MARCEL – Bom dia. É muito bom ver esse lugar tão cheio de pessoas, de gente que está aí lutando, pensando nessas causas todas que a gente está conversando.

Eu sou psicólogo, estou há poucos meses no Cecco Trote, e queria falar um pouco sobre a experiência de ver essas pessoas, esses usuários, lutando, atuando nas oficinas e nas demais atividades.

Vou começar falando de uma senhora que se apresenta no Sarau, oportunidade em que todos trazem a sua dança, a sua poesia. E eu vejo aquela mulher pequena, mirradinha, que está ali sentada, mas, de repente, ela se apresenta no palco e se mostra para todo mundo. Nesse momento aquela mulher vira outra pessoa. Não tem rivotril, não tem atendimento de psicoterapia que faria o que faz por aquela mulher. É o que ela precisa: ser vista, se expressar. E é sobre isso que eu queria falar: o quanto a gente precisar garantir que o Cecco e tantas outras alternativas à medicalização sejam implementadas e que continuem, que a portaria ministerial que fala sobre os Ceccos seja aprovada, porque é muito importante. Não tem, na lei, algo que garanta que esse tipo de atividade continue, então isso pode, aos mandos e desmandos de alguém que entre no poder, modificar totalmente, e todas essas pessoas que estão sendo beneficiadas perderem aquilo que é de mais importante para elas, aquilo que fala de dentro para elas, que constroem e reconstroem a subjetividade desses usuários.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Tem a palavra o próximo orador, a Sra. Sandra Maria Bustamente Cássia Guerra, do Grupo Arte, amiga do Cecco Santo Dias.

A SRA. SANDRA MARIA BUSTAMENTE CÁSSIA GUERRA – Boa noite a todos. Eu me chamo Sandra, estou emocionada, porque eu sou usária do Cecco Santo Dias, e a gente trabalha também com economia solidária. E essa inclusão social, como esse psicólogo falou, é muito importante. A cada dia de convivência, as pessoas se sentem melhores, e isso é muito importante para o ser humano. Eu estou atuando nessa área como usuária e totalmente envolvida, porque eu acho muito importante a importância do ser humano, de dentro dele. Esse

sarau, conforme o psicólogo falou, promove uma inclusão social gigantesca, porque eles têm a transformação. Eu estou há um ano e pouco no grupo da economia solidária, e a gente vê que que as pessoas, quando chegam ao microfone, se emocionam, porque dizem aquilo que está no coração delas. Então é um trabalho importantíssimo para o ser humano, porque, se você não tem esse lado humano, como você vai dar continuidade às coisas?

Agradeço muito a presença de todos. E fico felicíssima de ver que está quase cheio aqui. E fico feliz também com o fato de as pessoas se informarem pela política. Não deixem isso para trás, porque a luta é grande, embora eu só tenha começado agora. Mas é importante que a gente não deixe isso para trás, não deixe as pessoas destruírem. Vamos à luta.

Obrigada, gente. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Tem a palavra a próxima oradora, a Sra. Joceli Percília Ferreira.

A SRA. JOCELI PERCÍLIA FERREIRA –

Que a gente não deixa isso para trás e as pessoas destruírem. Vamos à luta e obrigado, gente. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Tem a palavra a Sra. Joceli Percília Ferreira, Cecco Santo Dias.

A SRA. JOCELI PERCÍLIA FERREIRA – Bom dia. Faço parte do Cecco Santo Dias também, participo de várias atividades no Cecco e também estou muito feliz por estar com vocês, representando a Câmara Municipal. Estou tendo várias conquistas de vir sozinha. Quando eu cheguei achei que não ia encontrar ninguém, daqui a pouco chega a Sandra, a Bete, minhas amigas do Cecco Santo Dias. Eu sou muito apegada, tenho bastante apoio das minhas amigas também, faço parte do sarau, gosto de cantar, não gosto de ler poesia, gosto de cantar e sou muito grata, estou muito contente e feliz de estar aqui participando com vocês.

É isso. Muito obrigada por tudo. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Tem a palavra o Sr. Maicon Popi, Coral e Dança de Lei.

O SR. MAICON POPI – Bom dia todos. Gostei muito dessa aula da hoje aqui, junto com todo mundo. Quero falar rapidamente que o senhor que está sentado, tem que respeitar

os trabalhadores, os camelôs tem direito de trabalhar porque são gente também, isso é cultura. Então acho que tem que respeitar as nossas artes, a música, a dança, a arte e tem que respeitar e não aplicar as coisas que estão atrapalhando. Eu queria que tivesse uma lei para não pegar as coisas dos outros, as coisas na rapa, porque é muita falta de respeito, porque eles estão mesmo trabalhando e são cidadãos e brasileiros. E vamos ocupar a rua, porque é direito de todos.

É isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Tem a a palavra a Sra. Shirlei Suzuki, Cecco Trote Vila Maria-Vila Guilherme.

A SRA. SHIRLEI SUZUKI – Bom dia a todos. Eu sou voluntária do Cecco Trote, vim marcar presença. Peço para minha turminha levantar os cartazes. Vila Maria-Vila Guilherme.

Eu vou pedir mais tempo porque quero falar bastantes coisas. O Cecco realmente faz essa parte da arte, que nem o Marcel comentou sobre o sarau, eu não vou pedir dinheiro para o Cecco Trote porque eu fiquei quatro anos como conselho gestor pedindo dinheiro para o Dr. Dalberto, da coordenadoria e ele falou para mim: “Não tem dinheiro para o Cecco”, não reconhecendo. Então não tem dinheiro para o Cecco, vou pedir luz porque nós estamos há três meses sem luz e para fazer um sarau, como a gente faz luz? Aí como a gente está fazendo o sarau? Sabe que joga um limão no Cecco, vira limonada, não é gente. Foi isso que nós fizemos, o nosso maestro, que faz o coral lá falou assim: “Sarau antigamente era intimista, então a gente senta, fica todo mundo quietinho e tenta ouvir o máximo o pessoal cantando, declamando etc.” Queria dizer que sou fã do Dr. Emilio, não é? Sou instrutora de *tai chi pai lin*. Não vim com a camiseta por causa disso, é que dei aula de manhã lá no Cecco - Centro de Convivência e Cooperativa e vim para cá direto. E nós fazemos bastantes práticas integrativas e complementares lá no Cecco, fora essa parte de artes, não é?

Queria colocar um pouquinho o dedo na ferida, porque a Cris Lopes comentou -

gostei muito da fala dela também -, ela comentou sobre por que a gente tem de fazer tantas teses, artigos, etc. para comprovar a validade de todo esse trabalho que a gente faz? Queria colocar o dedo na ferida porque, na verdade, acho que precisa muito escrever, está? Inclusive estou fazendo a pós-graduação na Unifesp na área de gestão pública e estou escrevendo sobre *tai chi pai lin* como política nacional de saúde, que já existe. E por que não é implementada? Então não adianta a gente ter lei. Eu sei disso. Não adianta ter uma lei, ela tem de acontecer. E tive muita dificuldade para agora estar fazendo o meu trabalho, meu TCC, justamente porque nós temos dificuldade, se é da prefeitura, temos dificuldade para escrever porque tem de passar pelo Comitê de Ética, não sabe quanto tempo vai demorar. Se está escrevendo por uma entidade, tem o Termo de Consentimento, não é? O livre consentimento e esclarecido, não é? E é uma série de coisas burocráticas que a gente vai desistindo de escrever.

Acho que escrever, sabe o que que é? A propaganda é a alma do negócio, eu tenho que escrever e muito! E muitos de nós... Eu faço a supervisão com a Mestra Jerusha Chang e a gente percebe, nas nossas supervisões, que muitos de nós temos muita coisa para contar de todas essas coisas boas que o pessoal veio até aqui falar, que um monte de gente sabe, e que não está sendo falado, e as pessoas desconhecem - as pessoas desconhecem tudo de bom que é.

Então queria colocar o dedo na ferida nisso, que a gente precisa escrever mais, e só fazer a lei não vai adiantar, que continuamos no escuro, não é pessoal?

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) - O próximo é o Sr. Reginaldo Shigueyoshi - Fuzil (?), Coral Cênico Cidadãos Cantantes.

O SR. REGINALDO SHIGUEYOSHI - Bom dia, gente.

PARTICIPANTES - Bom dia.

O SR. REGINALDO SHIGUEYOSHI – Então, queria dizer só o seguinte: a cultura

aqui no Brasil está muito escassa e isso me deixa triste.

O Brasil é um país muito rico, então precisa de mais cultura, precisa de mais saúde, está certo?

Desculpa, gente, estou emocionado (Risos)

E tipo assim: eu sou de um grupo de saúde e o grupo, com as inscrições que tem, tem crescido (?) muito. Estou nesse grupo desde 2003. Se não fosse o incentivo da Cris Lopes - obrigado, Cris! -, eu estaria em casa até hoje, eu seria um inútil, sem cultura nem nada.

E eu, para encerrar essa fala, queria citar duas músicas do Legião Urbana. A primeira seria *Monte Castelo*, que começa dizendo: *Ainda que eu falasse / A língua dos homens / E falasse a língua dos anjos...*

O que quer dizer isso? A língua dos anjos é a língua celestial. A língua dos homens, a gente tem de entender um pouco, está certo? (Palmas) E a gente necessita desse entendimento.

A outra se chama *Perfeição* (Legião Urbana): *Vamos celebrar a estupidez humana / A estupidez de todas as nações*. O que quer dizer isso?

Quer dizer que a nação - as nações todas, não só a Nação Indígena, as nações não conseguem entender o que que o outro quer dizer. Quer dizer, elas são antiestúpidas (?). Se não conseguem entender, o que acontece? O que eles fazem? Partem para a porrada, o que não é a solução. A solução para esse problema acho que não está na porrada, não está no outro, está dentro da gente. Se não fosse isso, a gente não existiria, certo? E, com isso, encerro minha fala.

Obrigado, gente. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Próximo: Sr. Denis Lisboa, Secretaria de Cultura, Programa Vocacional.

O SR. DENIS LISBOA - Bom dia a todos.

PARTICIPANTES - Bom dia.

O SR. DENIS LISBOA - Antes de começar minha fala, queria que vocês escutassem aqui uma musiquinha, tudo bem?

- Execução musical, sob aplausos.

O SR. DENIS LISBOA – Linda, não é? Então, com essa música, vim aqui fortalecer um pouco a fala de todos que vieram. Parece que contemplam, que são persistentes com a situação que nos encontramos hoje. Sou músico, sou professor. Hoje presto serviços na Secretaria de Cultura, Programa Vocacional. E também fortalecendo o Bibi Tantã, esse cordão de bloco do Cecco Ibirapuera, que, junto com o Cecco CAPS Itaim, Ibirapuera, Previdência, Ponto de Economia Solidária no Butantã, Cecco Lapa, Cecco Campo Limpo, que já participaram conosco.

Essa música que vocês ouviram aqui é do Sr. Antônio, que está sentado ali. Sr. Antonio, por favor, levante a mão. (Palmas) Ele é usuário do Cecco e participa muito ativamente -não só ele como todos os outros: há mais outros compositores e usuários que também participam e compõem.

Esse fortalecimento da cultura e da saúde é de muita importância porque é através dessa parceria que surgiram músicas como essas, poemas e poesias. Hoje estamos gravando também um CD no Bibi Tantã, junto com algumas parcerias que conquistamos ao longo desse tempo. E fortalecendo a fala da Magda aí, que há muito tempo que a gente vem galgando isso, procurando ajuda, de alguma forma, que dê sustentabilidade para esse programa, para esse cordão, que continue - não só ele como todos que acontecem no CAPS - não é só o Bibi Tantã; há o coral, há outros grupos que se apresentam e que funcionam nestes equipamentos como Cecco e CAPS.

A gente não tem dinheiro para poder dar continuidade. Isso é ruim, é muito difícil. Vou pegar a fala do Reginaldo Shigueyoshi, que falou aqui antes de mim. Qual é o seu nome? Reginaldo Shigueyoshi. Que, se ele não estivesse no Cecco, ele estaria em casa fazendo não sei o quê, procurando alguma coisa.

Esse programa ajuda bastante. Então queria pedir ao Vereador presente e a esta Casa aqui que deem uma atenção maior para todos esses programas que acontecem, para todo tipo de saúde mental e para todo tipo de usuários, não só do CAPS e Ceccos. Nós sabemos como nossa saúde não é boa também. Não é só dentro dos Capes e Ceccos que acontecem essa dificuldade. É o Brasil inteiro que está nessa dificuldade da saúde - e por falta de verbas.

Como a Magda falou, a gente não sabe, no ano que vem, o que vai acontecer com o Bibi Tantã, se a gente vai sair ou não.

Quando entrei para a Coordenadoria do Programa Vocacional, foi justamente para dar esse fortalecimento para o Bibi Tantã, onde temos o Naó (?), a Adriana Aragão e muitos profissionais que ajudam esse bloco a se fortalecer. E, com isso, a gente vem galgando também outras parcerias, conquistando novos parceiros também, que nos ajudam, que estão sempre dispostos a estar junto conosco aqui.

Então vou encerrar minha fala, pedindo um pouco mais de atenção para esses programas que existem e que sejam fortalecidos por esta Casa, pelos Vereadores; e que a nova gestão que entre tenha um bom olho, um bom olhar para esses problemas, e que nos coloque num lugar de conforto.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – OK, Sr. Denis.

A próxima é a Sra. Aparecida Siqueira, Cecco Previdência.

A SRA. APARECIDA SIQUEIRA - Bom dia a todos.

PARTICIPANTES – Bom dia.

A SRA. APARECIDA SIQUEIRA - Olha, queria só fazer uma sugestão e agradecer a presença de todos vocês aqui para a gente, pelo trabalho, que acredito que criar, uma oportunidade através dos canais de rede, de rádio e televisão e de outros meios de comunicação, proporcionar campanha alusivas à inclusão de quem necessita, nas várias áreas

de arte, cultura e saúde, em parceria com a nova gestão municipal, sendo personagens os próprios participantes para melhor incentivo de sua reabilitação e em prol da autoestima de todos - seja essa participação a sós ou em grupo.

O meu nome é Teresa, a turma me conhece no Cecco como Teresa. Estou há um ano participando. Estou vendo que esse trabalho é excelente, é produtivo, é carismático, é de tudo para o bem dos demais, não é?

Eu tenho problema de saúde, mas faço atividade pra melhorar minha saúde. Acompanho os demais participantes, que a cada dia têm melhorado o seu estado de saúde, o estilo de vida, a participação, a alegria. A gente vê, não vai lá só pra comer lanche, mas pra participar, pra ver o trabalho dos profissionais que estão lá, todos os dias às ordens. É um trabalho maravilhoso. Gostaria de agradecer a minha própria participação e em nome dos demais, que conseguem os louros de todo esse trabalho.

Seria bom que os governantes tomassem conhecimento das campanhas pra verem como é a real situação do pessoal que está nessa inclusão, que está participando. É muito difícil chegar ao local, tem dia que vai, tem dia que não vai.

Os nossos Ceccos – Centros de Convivência Cooperativa não estão bem conservados. Eu conheço dois, três que não estão bem, não sei se os demais estão. O acesso está difícil, podemos cair, quebrar as pernas. Precisamos que os governantes olhem esse lado pra dar um local digno pra fazer atividade, é isso que a gente pretende. Falo em nome de todos porque não são poucos os que precisam disso daí, é muita gente.

Agradeço em meu nome e em nome de todos que participam, que são beneficiados pelo trabalho do Centro de Convivência, que têm um monte de metas atingidas e esperamos que todas sejam atingidas.

Muito obrigada!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – A próxima inscrita é Camila Freitas – CAPS

Sapopemba.

A SRA. CAMILA FREITAS – Bom dia. A demanda é grande, é antiga e deve continuar, mas eu vim falar aqui – e não só eu, mas todos que aqui estão acreditam, que a Arte e a Cultura são estratégicas, atingem diretamente à Saúde, Saúde que é muito estratégica pra qualquer País.

Vim pedir principalmente atenção à Saúde, acho que Cultura e Arte já têm muita demanda. E é pra Saúde que é um polo bem definido, bem estruturado. Acho que precisávamos abrir as portas da Saúde pra Cultura e pra Arte. Pensei numa intervenção talvez direta nas UBS, que é porta de entrada da população direta e livre. Se tiver ações de Cultura e Arte nas UBS, a população entenderia Arte e Cultura também como Saúde. A sociedade civil não vê muito isso, nós precisamos interferir na sociedade civil. Quando abre bolsa do Governo, por exemplo, são os braços que fazem as políticas públicas continuarem, e nós precisamos de números, precisamos de braços.

Presidente, viemos pedir essa atenção porque precisamos da observação dessas ações. Se não temos espaço definido e definitivo, a luta é constante. A gente consegue espaço, aí muda o Governo, a gente perde e tem que lutar de novo. Quando, se a gente tiver leis, com isso fixo, acredito que fique mais fácil, talvez...

Pedir também estímulo da sociedade acadêmica, pra todos os acadêmicos que estão aqui. Como estudante de universidade, acho que na academia faltam profissionais interdisciplinares, e isso com uma formação. Na faculdade temos com uma formação muito boa, mas não tem atenção na *interdisciplinaridade*, isso falta muito. Eu acho, como profissionais e como cidadãos, que nós precisamos disso.

Eu fiz, escrevi algo que diz muito do que nós somos, por que estamos aqui: “O que somos nós se não artistas nesta selva de pedra, artistas esses que tentam colorir, todos os dias, o cinza do concreto”.

É isso! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – A próxima é Isabela Umbuzeiro – Centro de Convivência É de Lei.

A SRA. ISABELA UMBUZEIRO – Bom dia. O Centro de Convivência É de Lei é um ponto de cultura que já trabalha com a interface Arte, Saúde e Cultura, há um tempo. Também integro o GT. Vou fazer um pouco uma fala pra contar a vocês como é que a gente tem se organizado como sociedade civil, a importância da gente se organizar, se autogerir, de reconhecer nossas próprias necessidades.

Fica aqui também uma questão para os Vereadores da Casa, para que possam nos ajudar a pensar, a viabilizar, a encaminhar essas pautas tão importantes. Temos um diagnóstico bastante importante do que nós precisamos, e temos práticas consolidadas. Sabemos o que fazemos e do que precisamos.

O que sinto hoje, e estou muito emocionada ao ver esta Casa cheia de gente, são pessoas somando com essa nossa luta. Precisamos sim nos organizar pra não depender dos Governos, que vem e vão. Precisamos então de reconhecimento, também entre nós, que não só o Governo nos dê respaldo, mas a gente se respaldar no que fazemos todos os dias. Temos muita potencial, podemos nos organizar.

O GT, há dois anos, vem tentando criar condições pra que consigamos nos organizar e, pra isso, precisamos de comunicação, troca, diálogo e organização coletiva de ações conjuntas. Há uma minuta que está super bem redigida, e é possível que, ao olhar pra ela, haja ações pragmáticas. Então convido todos a conhecerem as ações pensadas, a pensar em que adaptações são necessárias no contexto de cada um, que possamos assim nos organizar de uma maneira que, de fato, a gente faça uma política pública que não dependa de um programa ou da vontade de alguém que está no poder. Acho que a gente pode muito mais do que temos feito.

Então dentro do GT, o É de Lei é responsável principalmente pela comunicação. Começamos agora com uma página no *Facebook* que, espero, possa agregar. Estão todos

convidados a participar, a se conectar, temos aqui o email de contato. A partir deste encontro de hoje podemos talvez expandir a nossa organização.

Queria trazer uma questão porque essa política pública que propomos nasce da relação entre pessoas que estavam incumbidas de produzir Saúde, Cultura, e que começam a perceber que mudar as formas como a gente vive, mudar o espaço comum, produz saúde, que é muito diferente de prover serviços de Saúde. Essa política tem uma visão que muda paradigmas da nossa estrutura de Governo, da política, e não é preciso mais leis.

O SUS é maravilhoso, estive recentemente em países que não têm a Saúde como um direito, então percebi o quanto precisaremos lutar pra manter o SUS, fazer com que ele continue vivo, de fato. Precisamos, para tanto, nos atentarmos.

Essa política de interface trata de questões concretas, mas que tocam pontos ligados a outras pautas, a pautas como a da Cultura., nós temos necessidades em comum com o movimento das pessoas com deficiência, com a Saúde, com muitos outros atores.

Há uma questão que acho importante ressaltar, que é a intersectorialidade, que significa trabalhar com setores diferentes, com a interface. Por si só implantar essa política é um grande desafio porque essas lógicas desafiam tudo que a nossa gestão foi fazendo nos últimos tempos, que é categorizar, separar, identificar, diagnosticar, tratar, medicar, enfim, encarcerar, é toda uma política individualista, que é o mal de como está se dando a gestão.

Por mais que tenhamos escrito, e ao lerem o documento poderão ler: considerando a política tal, considerando a política tal e tal, a lei tal, há mil leis fundamentando, que dão condições de afirmarmos a importância das ações - o nosso desafio, de fato, é fazer com que seja implantado, que sustentemos essas ações no dia a dia. Claro que precisamos de estrutura, precisamos que os Governos facilitem, mas insisto: eu acho que nós, como sociedade civil, podemos nos organizar mais, ser mais claros em nossos pedidos, saber pra quem pedir. Muitas vezes nos perdemos, claro, porque estamos absorvidos pelo cotidiano do trabalho, preocupados com o que fazemos a cada dia em nossas relações em comunidade,

nos territórios, mas é muito importante reconhecer do que nós precisamos e sabemos pra quem pedir.

Inclusive, peço uma resposta dos Vereadores da Casa, para que nos ajudem a pensar como encaminhar esse tipo de ação ou ações, propostas que estão na minuta. Provavelmente não é uma política que será implantada de uma forma maciça, com tudo que estamos vendo nesta minuta, mas essa minuta orienta para lutas específicas, para algumas prioridades, e então pedir a quem pode nos dar o que a gente precisa.

É isso!

Vamos juntos!

Obrigada!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Reis) – A próxima é Márcia Novaes, Cecco Vila Guarani.

A SRA. MÁRCIA NOVAES – Bom dia. Eu sou Terapeuta Ocupacional, escolhi estar em Cecco desde sempre. Então é pra trazer um pouco a experiência que temos enquanto profissional e tudo que a gente passou. Estou desde 92 em Centros de Convivência. Estive em Gestão algumas vezes. E a gente só não morreu porque a população não deixou, tenho absoluta certeza disso.

Penso que a construção dos Ceccos – e a gente tem sempre de tomar cuidado para que não nos tornemos institucionalizantes, e possamos estar, de fato, abertos às comunidades porque é disso que trata o serviço em que trabalho.

Evidente, tem toda a questão dessa minuta, a gente tem a tarefa de fazer com que se torne lei, é uma das possibilidades de fazermos com que as coisas não finalizem, e essa é uma só. Sempre estaremos na luta fazendo força do outro lado, ao lado da população.

Queria dizer outra coisa, aquela menina falou das UBSs, eu acho que está totalmente correta. Só quero contar uma pequena experiência quanto a ter salas multiuso.

Eu sei que as UBSs não conseguiram se tornar integradas em toda cidade, mas

esse é o caminho, sabemos que é esse o caminho.

Em São Mateus não havia Casa de Cultura quando começou o Governo Haddad e hoje há três, e na luta. Naquele momento um dos espaços era uma das UBS em que havia uma sala multiuso, e lá tivemos o primeiro programa vocacional. Foi superbacana, deu supercerto e a gente fez isso abrindo, não tinha gasto, fizemos com vontade, com vontade de gestão.

Outra coisa é fortalecer a questão dos pontos de economia solidária e cultura. Hoje, com toda experiência acumulada que a gente tem, sabemos que nos centros de convivência há à questão das cooperativas, da geração de renda. Mas é inovador, com a evolução que veio com o tempo, pensar que, de fato, as pessoas sejam trabalhadoras, e não mais só frequentadoras ou participantes dos centros de convivência. Sejam trabalhadoras e não só frequentadoras ou participantes dos Centros de Convivência.

Os pontos de cultura hoje abertos: Butantã e Benedito Calixto têm um projeto de lei que está em tramitação na Câmara, por meio da Vereadora Juliana Cardoso, do Partido dos Trabalhadores. Ele já está na Comissão de Justiça e, até dia 18, sexta-feira, haverá uma resposta da Comissão de Justiça.

Vou lutar muito para que a gente possa ter, também, no Jabaquara. Lá uma região que está retomando um núcleo de economia solidária que já teve muita potência. No entanto, sempre que muda o governo, essa potência se esvazia.

Então, temos um desafio de a gente não esvaziar, apesar dos governos que possam vir.

E, isso que o Douglas falou: chamar a atenção para todos. Estamos aqui há mais de 30 anos e temos um acúmulo para que essa luta aconteça.

Obrigada.(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (REIS) – Obrigado, Sra. Márcia Novaes.

O próximo é o Sr. Carlos Augusto Oliveira.

O SR. CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA – Bom dia, companheiros.

Meu nome é Carlos Augusto, mais conhecido como Carlão.

Sou convivente do É de lei há quase um ano. É uma honra estar lá participando desse grande evento que, agora, está acontecendo aqui.

Sou militante da luta manicomial. Sou militante ativo dessa luta. É uma luta que vem de lá de trás. Estamos lutando para que essa luta continue em 2017.

Quero fazer um convite a vocês: no dia 16 de dezembro o É de Lei completará 18 anos. Vocês estão convidados para essa festa que vai acontecer em dezembro. Também convido o Vereador a participar dessa festa, assim como o Coral Cênico, cidadãos cantantes. Fico muito grato. Está cheio de gente bonita. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (REIS) – Obrigado.

Agora é a Sra. Raquel Aparecida Fontes, do Cecco Nóbrega.

A SRA. RAQUEL APARECIDA FONTES – O que tenho para falar do Cecco Nóbrega? O Cecco Nóbrega me ajudou em tudo: me tirou da depressão, dos remédios e de tudo.

Por isso, venho a pedir que apoiem o Cecco Nóbrega porque temos que continuar, firmes e fortes, fazendo o nosso trabalho, fazendo ginástica, fazendo poesia. Isso vale para a nossa cultura brasileira.

Todos os Ceccos, em geral, são nota mil, todos.

Os governantes têm que apoiar todos os Ceccos, porque eles merecem.

É só isso o que tenho que falar. (Palmas)

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (REIS) – Agora, a Sra. Marilice dos Santos Guerra, do Cecco Nóbrega.

A SRA. MARILICE DOS SANTOS GUERRA – Bom dia a todos.

Eu também estou emocionada de estar aqui, vendo esse local cheio, repleto. É uma

satisfação, uma honra. Obrigado ao pessoal do Cecco Nóbrega, que veio aqui representa-lo, assim como todos os Ceccos e o pessoal da Cultura.

Acho que vai ficar um pouco repetitivo, porque houve falas muito ricas aqui.

Eu só gostaria de destacar o quanto é importante a questão da cultura estar com a saúde.

Venho de um percurso muito grande, longo, de uns 17 anos em Capes, e, há pouco mais de um ano, estou trabalhando em Cecco. É uma descoberta maravilhosa, porque, na nossa região, foi pouco investido nos Ceccos. Então, não conseguíamos fazer parcerias de Capes e Cecco. E, felizmente, chegou um momento em que seria investido – e, por isso, fui para lá, numa transferência; e, ultimamente, há até gente nova, do novo concurso, coisas que não aconteciam há anos.

Só quando eu fui para o Cecco que fiquei sabendo que não era algo oficializado, como os Capes, com portaria e tudo. Tudo estava muito na corda bamba, correndo o risco de serem fechados, até porque não há investimento em RH.

Tenho ficado cada vez mais encantada com o trabalho no Cecco, conhecendo as várias vertentes: economia solidária etc. e as diversas parcerias.

Também começamos a fazer uma parceria com a Educação. Nós não temos oficinairo da Cultura, então, conseguimos, emprestada, a oficina do Capes, que é formada em Artes, Teatro. Ela tem nos ajudado muito na parceria que estamos fazendo com os adolescentes da escola ao lado do Cecco.

A Magda falou que a gente tem que ir até a Cultura, vai até a Educação, vamos fazer uma parceria.

Acho que tem que ter duas coisas: a nossa disponibilidade – e a Isabela teve uma fala que não dá para a gente ficar esperando só de cima vir uma coisa formatada – interna, do nosso desejo em querer fazer algo diferente e parcerias. Mas, com certeza, ajudaria muito se, toda vez que mudasse o governo, e se a gente tivesse oficializado, se os Ceccos tivessem uma

Portaria. Eu não sabia que outras cidades como Campinas e Mogi têm Ceccos. Em outros Estados não há Ceccos. Quando comento com amigos do Nordeste, eles ficam achando bárbaro.

É algo que precisa ser mais divulgado, os trabalhos têm que ser escritos, e, com a oficialização, uma Portaria, e, com a interface como a Cultura, a gente pode avançar.

Então, é imprescindível que o Executivo e o Legislativo também estejam ao nosso lado e compreendam essa demanda.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (REIS) – Nós ouvimos 30 pessoas que usaram o microfone.

Vamos ouvir, agora, as considerações da Mesa. E, após, encerraremos esta audiência pública.

Então, a Cris Lopes terá 30 minutos para suas considerações finais.

A SRA. CRIS LOPES – Vou dividir minhas considerações em dois pedaços.

Este momento que a gente observou sela um longo processo de construção de uma arte que é imprescindível para a civilidade, imprescindível à recuperação de um *status* de humanidade. Refiro-me à delicada arte de produzir encontros. Esses encontros que possam ousar a proposição de um fazer junto pelo bem comum.

É nessa direção que o GT trabalhou, e a manhã de hoje indica essa perspectiva de um fazer junto, que pressupõe o convívio na e da diferença.

Esse convívio, em minha opinião, é o remédio da contemporaneidade que sofre da anomalia da exclusão, intolerância, estética da solidão, quando muito dos agrupamentos homogêneos.

Viver junto com espaço para a heterogeneidade produz mobilizações e tensionamentos nem sempre fáceis de serem manejados, mas muito necessários do ponto de vista das ações éticas e compromissadas com a vida, das ações éticas e compromissadas com a vida, das políticas sociais afirmativas, com os Direitos Humanos e que, portanto, merecem

uma política pública de Estado e não, de governo. E, nessa fragilidade, poder ser finalizada a cada gestão.

É sabido que não podemos construir proposições de base humanitária e tão atuais no contemporâneo sem que haja uma militância profissional e ações individuais.

Acho que isso hoje ficou muito forte aqui: essa disposição para essa militância e, mesmo que as ações, aparentemente, pareçam individuais, elas apontam para uma necessidade coletiva.

Acredito que nós precisamos inaugurar uma modalidade de fazer, e o professor Ricardo Teixeira fala muito disso: uma modalidade de curadoria. Curadoria com a qual possamos promover a cura da dor e uma outra espécie de fazer coletivo que seja uma espécie de curadoria, produzindo juntos uma intervenção, uma concepção, uma arte diferente. Eu me alimento disso.

E acho que, hoje, nos alimentamos disso aqui neste espaço.

O segundo momento do que eu quero trazer aqui é que se alimentar disso precisa de algumas raízes em campos mais áridos.

Entendo algumas intervenções que apontam para uma organização muito livre, muito nossa, muito dos movimentos, e é isso o que dá sustentação, o que dá esteio, mas, se não tivermos alguns pés no Legislativo, acho que perdemos algumas possibilidades.

Nesse sentido, gostaria de apresentar ao Vereador Reis, Presidente desta Comissão, uma sugestão – até conversada com o Roberto, que é consultor da Casa – de que essa minuta que produzimos e que hoje, de alguma maneira, foi referendada por todos aqui, possa seguir como uma justificativa para um projeto de lei propondo essa aproximação de Saúde e Cultura. E que a Comissão de Educação, Cultura e Esportes, hoje presidida pelo Reis, possa assumir como uma paternidade ou maternidade dessa proposição e que possa tomar corpo de projeto de lei. Essa será uma de nossas lutas. Não é a única, não é a mais importante, mas é uma das.

Outro aspecto que me chama a atenção: acompanhei nesta Casa na semana passada a discussão da Comissão de Finanças e Orçamento sobre o orçamento da Cultura, por exemplo. E a Cultura hoje luta para que seu orçamento dobre e chegue a 3%. Entendo que devemos estar aqui, no dia 21, para a discussão temática da Cultura em que vão estar o Vocacional, PIÁ, EMIA e outros tantos que lutam por um orçamento dessa natureza. E nós, enquanto Saúde, poderíamos nos juntar para qualificar que esse orçamento de alguma maneira atinja a população no campo da Saúde.

Assim acredito que a Saúde tem de discutir isso. A Saúde, hoje, com 20% do orçamento também poderia estar pensando em conjunto com a Cultura porque essa amálgama não se dá só nas oficinas, no fazer junto, mas também no orçamento compartilhado. Hoje sei o quanto a Educação passa dos seus 30% de orçamento para a Cultura a fim de viabilizar a contratação de profissionais que possam atuar no campo da Educação.

Então da mesma maneira acho que deveríamos pensar da Saúde com relação à Cultura, de repassar parte do orçamento – desse orçamento chegando a 3% na Cultura -, mas de poder conversar nessa perspectiva com o Vocacional, PIÁ e EMIA. Por isso, acho que precisamos vir a esta Casa mais vezes discutindo a discussão do orçamento. E talvez saindo daqui uma Comissão ou quantas pessoas puderem estar, no dia 21, nessa discussão temática.

Por fim, sei que estamos no fim dessa gestão, mas não é por isso que as coisas devem voltar ao zero ou terminarem. Então imagino haver uma passagem, quando a Saúde passar o bastão para a nova Secretaria de Saúde, em que a fala desse lugar da Saúde, dos centros de convivência cooperativa, junto com essa perspectiva da Cultura, do Vocacional em particular, possa ser algo em que tenhamos a voz garantida. Não sei se é possível nessa passagem de Governo. E que se defenda essa proposição com um pé no Executivo, um pé no Legislativo e os dois pés na organização popular.

É o que tinha a dizer. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Tem a palavra o Sr. Emilio, para suas considerações

finais.

O SR. EMILIO – Tenho impressão que esse trabalho está avançando. Creio ser a primeira vez que a Câmara Municipal de São Paulo discute numa audiência pública um projeto de lei dessa natureza.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Ela está propondo que a Comissão elabore um projeto de lei. Uma coisa que será analisada pela Comissão.

O SR. EMILIO – Está certo. É que estou já dando como seguro que essa minuta muito bem elaborada venha a se constituir num projeto de lei. Isso é um avanço significativo e só vem acontecendo com a participação especialmente das pessoas que estão na rede.

Atualmente estou trabalhando no gabinete da Secretaria Municipal da Saúde. No entanto, quem faz mesmo as coisas acontecerem é quem está na linha de frente, nos Ceccos, nas UBSs, nos CAPS juntamente com a participação da população. São vocês que fazem as coisas acontecerem. Essa é a realidade.

Lógico que existem governantes que são mais favoráveis e outros que oferecem um pouco mais de resistência, mas se permanecermos unidos vamos avançar. Acho que chegamos a um ponto que nunca antes havíamos chegado. Estamos avançando.

Creio que em relação ao que a Cristina acabou de falar sobre a questão orçamentária, o gasto da Saúde é muito grande, é muito dinheiro. E mesmo essa quantidade de dinheiro é pouco para as nossas necessidades.

No entanto, acho que gastamos mal. Consumimos muito remédio. Só vou falar sobre remédio, não sei se vocês têm ideia, a Secretaria de Saúde tem farmácias na rede. São farmácias da Secretaria de Saúde. Só nessas farmácias, por mês, saem cerca de 15 milhões de comprimidos antidepressivos e para dormir, tipo Diazepam. É mais do que um comprimido por habitante da Cidade só nas farmácias da Secretaria Municipal de Saúde, fora nessa rede enorme de farmácias que temos.

Então se continuarmos nesse ritmo de consumir cada vez mais procedimentos, diagnósticos terapêuticos, não há quem pague isso. Por isso, precisamos pensar em práticas sustentáveis e tudo o que vocês estão propondo hoje são práticas sustentáveis. E de fato não é só o Executivo que vai fazer isso. Precisamos de projetos de lei que sustentem essas práticas. Como se falou aqui, que sejam práticas não de Governos que passam, mas práticas de Estado, uma política pública. E toda política pública que queira ser saudável tem de começar com práticas sustentáveis. Temos de reverter isso. E esse movimento é nesse sentido.

Então atualmente estamos trabalhando na Secretaria de Saúde. Enquanto funcionários trabalhadores da Saúde o nosso compromisso é com práticas sustentáveis. Falo isso em nome da Secretaria Municipal da Saúde.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Muito obrigado, Sr. Emilio. Tem a palavra a Sra. Eliane Dias de Castro, para suas considerações finais.

A SRA. ELIANE DIAS DE CASTRO – Vou tentar organizar um pouquinho uma sensação muito especial que tive aqui. De repente vi minha pele um pouco se arrepiando e um calor pulsando dentro de mim.

Então fui reconhecendo essas forças e entendendo que havia uma conexão fundamental entre a gente hoje. Uma disposição de sair das nossas casas e vir a este encontro que uma canção inicial abriu tão bem o evento e ocupou efetivamente essa discussão com as experiências.

Tudo é de uma beleza enorme. Então cada projeto, cada um pode falar de cada lugar, de uma beleza, de uma potência e de uma inovação que a gente vem fazendo e que já dura 30 anos. E que exigiu da gente trabalhos burocráticos, trabalhos duros e trabalhos maravilhosos.

Então fiquei com vontade de falar isso. A importância de reforçar essa beleza, a

nossa beleza. A importância da continuidade dos trabalhos, dessa conexão, dessa coisa consistente, sensível, porosa e que vai modificar a experiência de muitos.

Então acho que a nossa onda é grande, está crescendo e a gente está mais ligado. Também gosto do convite da Isabela para a gente se conectar na rede e poder fazer então muitas conversas, muitas publicações e festas. Muitas experiências de transformação efetivas e que são alternativas. Não são remédios. Podem ser chá, música, cinema, muitas coisas interessantes.

É isso. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Muito obrigado, Sra. Eliane. Agora a Cris quer fazer a leitura de um texto.

A SRA. CRIS – É bem pequenininho, em homenagem a nós e ao Manoel de Barros que nos deixou: “Foi aí que encontrei Einstein (ele mesmo — o Alberto Einstein). Que me ensinou esta frase: A imaginação é mais importante do que o saber. Fiquei alcandorado! E fiz uma brincadeira. Botei um pouco de inocência na erudição. Deu certo. Meu olho começou a ver de novo as pobres coisas do chão mijadas de orvalho. E vi as borboletas. E meditei sobre as borboletas. Vi que elas dominam o mais leve sem precisar de ter motor nenhum no corpo. (Essa engenharia de Deus!) E vi que elas podem pousar nas flores e nas pedras sem magoar as próprias asas. E vi que o homem não tem soberania nem pra ser um bentevi”.

Pensei nisso e pensei na nossa soberania. Talvez não para ser um bem-te-vi, mas para sermos sonhadores de outras possibilidades.

O SR. PRESIDENTE (Reis) – Muito obrigado. Vou pedir à Secretaria da Comissão para encaminhar as notas taquigráficas desta audiência pública para a Comissão de Saúde, Promoção Social, Trabalho e Mulher, para os Vereadores integrantes dessa Comissão e para os Vereadores integrantes da Comissão de Educação, Cultura e Esportes.

Com referência ao PL, vamos analisar a minuta, se realmente é matéria nossa, se não há questões que são do Executivo e tão logo façamos essa análise poderemos ver em

qual parte a Câmara tem de se debruçar para a construção do projeto de lei.

Agradeço a presença de todos. A audiência pública foi bastante produtiva e participativa. Não havendo mais nada a tratar, declaro encerrada esta audiência pública.